

HORA DE PENSAR NO MATERIAL DIDÁTICO



Eliane Veloso
Pedagoga,
especialista em
Psicopedagogia
e mestre em
Educação. Gerente-
-geral do Portal
EducarBrasil

A cada segundo semestre, quando nós, gestores, iniciamos a organização para o próximo ano, somos convocados a referendar nossa prática. O primeiro passo é armar-nos da convicção e dos sonhos de construir uma sociedade que vive a partir da lógica de uma convivência saudável. Precisamos tirar o peso do coração e desenvolver a fineza no trato, a compaixão, o cuidado com o outro, com o planeta e o amor sem fronteiras.

Sabemos quão dispendiosa é a aquisição da lista de material escolar no início do ano, período em que outros impostos e gastos também chegam às nossas casas. E é por isso mesmo que o material didático tem sido o "vilão" da lista de compras escolares. Evidentemente que há inúmeras ofertas, mas a equipe gestora precisa ficar atenta ao processo de análise e avaliação sistemático e contínuo pela equipe pedagógica.

Nossas equipes devem ter por incumbência a formulação de critérios de análise e a discussão com professores, editores, autores ou sistemas responsáveis. Como critérios comuns de análise, elejo a adequação didática, metodológica e pedagógica, a qualidade editorial, adequada ao projeto político-pedagógico da instituição, e a interação com a tecnologia. Importante lembrar, ainda, como o MEC, o critério segundo o qual o material didático não pode expressar preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação; e não pode induzir ao erro ou conter erros relativos ao conteúdo específico das áreas de conhecimento. E, ainda, a tecnologia digital deve perpassar tanto a aprendizagem quanto a usabilidade, buscando a integração dos dois aspectos. Por isso, enfoque de forma mais detalhada os critérios comunicacionais entre a tarefa e a ação:



©Vlnvertigo/Stockphoto



nossa missão, nosso currículo, não cristaliza abordagens metodológicas e quadros conceituais; ele não organiza, enfim, o cotidiano da sala de aula, apenas complementa o que construímos em equipe.

As atuais exigências sociais impõem a revisão de paradigmas. Essas exigências encontram-se representadas, em especial, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental emanadas do Conselho Nacional de Educação (CNE). Também os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ou RCNs propostos pelo MEC, embora sem o caráter de obrigatoriedade que marca o atendimento à LDBEN e às Diretrizes do CNE, contemplam essas novas demandas, constituindo-se em referências que, sendo de âmbito nacional, pressupõem adequações às realidades locais.

Essas orientações, sejam da LDBEN, sejam das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino ou dos Parâmetros Curriculares Nacionais, indicam revisões importantes para o processo ensino/aprendizagem e, portanto, precisam estar contempladas na configuração do material didático. Para que sua utilização se concretize na escola, reforçando o vínculo dos conteúdos com as práticas sociais, é necessário que o material didático seja um instrumento que favoreça a aprendizagem do aluno, no sentido do domínio do conhecimento e da reflexão na direção do uso dos conhecimentos escolares para ampliar sua compreensão da realidade, instigando-o a formular hipóteses de solução para os problemas atuais. Isso significa colocar o material

- Navegação – permite ao usuário saber onde ele está no ambiente, aonde pode ir, como retornar.
- Interatividade – controle sobre o sistema no momento em que o aprendiz se depara com a possibilidade de tomar iniciativas partilhadas.
- Grafismo/layout – habilidade da interface na comunicação ao usuário do funcionamento dos objetos gráficos que o guiam em sua interação.
- Organização das mensagens – equilíbrio de mensagens linguísticas e audiovisuais, favorecendo a construção das representações pertinentes.

Ressalto que o material didático deve orientar de forma complementar o fazer do professor e do educando, mas não é um dos principais fatores que influenciam o trabalho pedagógico; ele não determina nossa finalidade,



didático como subsídio da escola para a efetivação do objetivo de promover o exercício da cidadania, de acordo com sua proposta pedagógica.

Essas práticas serão vivenciadas por toda a comunidade educativa no cotidiano, tendo em vista as exigências do mundo moderno. O ano de 2017 será desafiador: a ONU o declarou como o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. De acordo com o secretário-geral da Organização Mundial do Turismo (OMT), Taleb Rifai, essa será uma oportunidade única para aumentar a contribuição do setor do Turismo para os três pilares da sustentabilidade – econômico, social e ambiental. Além disso, segundo o Fundo Monetário Internacional, o Brasil retomará seu crescimento, caso o impasse político seja resolvido ainda em 2016. Já a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) proclamou o tema *Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida* e o lema *Cultivar e guardar a criação*. Também em 2017 se comemoram os 500 anos da Reforma Luterana.

Como já descrito, temas e conteúdos conceituais não nos faltarão. Não tenho dúvidas de que investir para que nossa equipe pedagógica e nossos professores escolham o material – digital ou não – será muito mais efetivo para o processo de aprendizagem.

Considero a escolha do material didático apenas um viés para orientar o fazer pedagógico, apresentando uma metodologia de ensino que permita ao educador: 1) o desenvolvimento das capacidades cognitivas (como a compreensão, a memorização, a análise, a síntese, a formulação de hipóteses e o planejamento), respeitando tanto as dificuldades próprias do desenvolvimento de seu aluno quanto os graus de complexidade e a especificidade do conteúdo a ser aprendido; 2) a consecução, por meio de proposições de uso do conhecimento, de níveis mais amplos de abstração e generalização pelo aluno, assim como a percepção das relações do conhecimento adquirido ou a ser adquirido com as funções que possui no mundo social, sejam elas relativas ao campo científico e ao aprendizado, sejam relativas à vida prática; 3) a manifestação, pelo aluno, e a identificação, pelo professor, do conhecimento que esse estudante já detém sobre o que vai ser ensinado; 4) a introdução do conhecimento novo por meio do estabelecimento de relações com o conhecimento que o aluno já possui; 5) a inserção do novo conhecimento num conjunto mais amplo dos saberes da área de conhecimento.

E mesmo com todo o cuidado na organização de um novo ano letivo, insisto para que a firmeza e a tolerância com o outro sejam de fato o modelo de diálogo na construção do saber e no fazer de cada dia no processo da sala de aula.

Planejemos mais um ano acreditando, sobretudo, no amor, esse "dom supremo". Só assim, teremos todos um ano letivo mais produtivo, com construções que elevem a Educação Básica a um patamar de reconhecimento, não apenas classificatório, mas de fazeres efetivos e de pessoas mais empreendedoras, autônomas e protagonistas da própria história, de forma a colaborar para que nossa sociedade seja mais justa e fraterna, de fato! ■

www.educarbrasil.org.br